



Campanha Salarial 2023/2024: organizar uma verdadeira Campanha, com nossas reivindicações e com os métodos da ação direta

**Nenhuma ilusão no governo burguês de Lula/Alckmin!
Independência de classe frente aos patrões e aos governos**

CAMPANHA SALARIAL 2023 NEGOCIAÇÃO DE VERDADE É COM LUTA!

Como em outros setores, o governo federal tem realizado a “mesa de negociação” entre os Correios e as duas Federações, a FINDECT e a FENTECT.

Entre o final de julho e este início de agosto, já ocorreram, ao menos, meia dúzia de reuniões entre as direções sindicais e direção dos Correios. Reuniões que têm sido comemoradas como “vitórias” para os ecetistas.

Mas o que efetivamente a empresa estatal já se comprometeu? Com aumento geral dos salários, diminuição da jornada de trabalho, efetivação dos terceirizados, concursos para novas vagas, revogação da Resolução CGPAR nº 42, de agosto de 2022, que retira direitos dos trabalhadores das empresas estatais? Com nada disso!

Todas as medidas que impactam no caixa da ECT e que garantem melhorias efetivas nas condições de trabalho não foram negociadas. Na verdade, o governo e a empresa têm apresentado a retomada de alguns pontos das “cláusulas sociais”, retiradas no Acordo Coletivo de 2020, sob o governo Bolsonaro, mas que pouco impactam nas contas e nos lucros dos Correios.

É claro que algumas cláusulas sociais são importantes na proteção, por exemplo, das trabalhadoras, como prorrogação da licença maternidade, possibilidade de afastamento especial em caso de bebê prematuro, retorno da cláusula que instituiu período de amamentação. Estas medidas, no entanto, têm menos impacto do que, por exemplo, o percentual que a empresa custeia do Plano de Saúde. A Resolução CGPAR nº 42, do final do governo Bolsonaro, não foi revogada e coloca o limite máximo de 50% no custeio de planos de Saúde.

Primeiro, temos de defender como bandeira estratégica um sistema único de saúde, universal, de modo que todos os trabalhadores e trabalhadoras sejam sempre atendidos. A ausência de uma luta geral contra os planos de saúde privados e a mercantilização da saúde favorece apenas os capitalistas do setor. Esta deveria ser uma bandeira permanente dos sindicatos, mas é ignorada pelas direções sindicais. Segundo, ao aceitar, de forma paliativa, os custeos dos planos de saúde, seria necessário lutar para que fossem integralmente custeados pela empresa, e não pelos trabalhadores. Que a ECT pague 100% do plano de saúde, de modo que todos tenham acesso. Isso, sem abrir mão da luta geral por uma saúde 100% pública para todos, num sistema único, e fim de toda saúde privada. No entanto, nem uma nem outra é defendida pela direção da FINDECT e da FENTECT. O governo dos “trabalhadores”,

como as direções gostam de chamar o governo burguês de Lula/Alckmin, não revogou a Resolução de Bolsonaro/Guedes, e não indicou que pretende revogar.

Quanto às condições de trabalho, é fundamental que a empresa efetive sem concurso os milhares de terceirizados, que só cresceram na última década, e que, garantido isso, abra concurso para novas vagas. Ninguém tem dúvida quanto à sobrecarga de trabalho nos últimos anos, e o quanto a Empresa lucrou, a partir da Pandemia do coronavírus. Os mais de R\$ 5 bilhões lucrados nos últimos anos só foram possíveis pela superexploração dos ecetistas, que viram o trabalho duplicar, triplicar, sem aumento das vagas. Em vez de estimular a superexploração da juventude, por meio do programa “jovem aprendiz”, que paga uma miséria para os jovens, as direções sindicais precisam levantar as bandeiras de efetivação dos terceirizados, abertura de concurso para novas vagas, diminuição das jornadas de trabalho, sem diminuição dos salários. Aí está a chave para defender as condições de trabalho e a vida dos trabalhadores dos Correios.

Quando as direções da FENTECT e FINDECT defenderão, de fato, a redução para 30 horas semanais, como aprovado em seus congressos? Quando lutarão por esta pauta? Porque, sem dúvida, nem a direção dos Correios, nem o governo, nos entregará esta reivindicação, sem uma luta nacional, com paralisação, atos, e greve.

E QUANTO AO SALÁRIO, AOS REAJUSTES E AOS AUMENTOS?

As direções da FENTECT e da FINDECT protocolaram a pauta salarial, o que inclui, desde reajuste entre 8% a 10%, a partir de 1º de agosto, a bandeiras históricas, como a defesa do gatilho salarial (a inflação cresce, aumenta-se o salário), bem como do salário base do DIEESE, atualmente em R\$ 6.652,09.

Estas direções, ligadas à CUT e à CTB, portanto, base de apoio do governo Lula/Alckmin, pretendem se chocar contra este governo e a direção da Empresa estatal, para levantar uma luta séria por estas reivindicações? Infelizmente, não.

O centro da Campanha Salarial 2023/2024, que é a luta por aumento e reajuste salarial, não sairá das “mesas de negociação”, se as bases não pressionarem por uma verdadeira Campanha Salarial. É preciso assembleias massivas, com paralisação das atividades. É preciso comitês de mobilização, que cheguem a todos os locais de trabalho, e que garantam uma discussão realmente coletiva e que seja assimilada por toda a categoria. Os métodos da ação direta (assembleia, ato, passeatas, paralisações, ocupações, e

a própria greve) são o caminho para arrancar direitos da ECT e deste governo burguês. Não adianta entregar uma pauta de reivindicações e não lutar por ela com as forças próprias da categoria e do conjunto dos trabalhadores.

Não podemos ser enganados com a mentira de “negociação sem mobilização”. Negociação, de verdade, é com luta, quando os trabalhadores paralisam suas atividades e colocam, contra a parede, os patrões e os governos. A força econômica dos ecetistas está no lucro que geram para a empresa. Devemos lutar pela melhoria salarial como parte da defesa de nossa força de trabalho.

O QUE DEFENDEMOS PARA A CAMPANHA DE 2023 E EM CADA DISCUSSÃO DE NOSSA CATEGORIA?

Defendemos que, por meio de nossas assembleias de base, dos comitês de mobilização, da aprovação de pautas de luta que, de fato, mobilizem toda a categoria, e apontem para a unidade com o conjunto dos trabalhadores, poderemos garantir nossas reivindicações imediatas e as demandas históricas, ligadas ao emprego, ao salário e aos direitos.

É preciso mobilização permanente, e não só no mês da “data-base”, agora em agosto, como querem as direções, apenas para abrir o “diálogo” com a empresa. As negociações de fachada, que não têm impacto econômico e que não diminuem a superexploração de nosso trabalho, não nos servem.

Os trabalhadores não defendem nenhum governo burguês, defendem suas reivindicações de salário, de melhores condições de trabalho, de emprego a todos, de conquista de direitos. As direções sindicais estão comprometidas com o atual governo, colaboram com ele. A nossa posição, a posição proletária, é de real independência de classe, o que se materializa na luta, na mobilização por nossas reivindicações.

Um passo importante para a organização de nossa categoria é a formação de uma verdadeira oposição no interior de nosso sindicato, para fazer frente aos métodos burocráticos das direções traidoras, e que defenda, de forma consequente, as reivindicações e os métodos de lutas. Organizar a Corrente Sindical Marxista é um passo fundamental para erguer a classe e fortalecer as lutas nacionais. ■

DEFENDER, EM CADA ASSEMBLEIA:

- **Formação dos comitês de mobilização, para visitar e mobilizar todos os locais de trabalho;**
- **Campanha Salarial com paralisação do trabalho, atos de rua e construção da greve nacional, para impor as reivindicações e ganhar a população;**
- **Salário-mínimo Vital, com base no salário-mínimo do DIEESE;**
- **Redução da jornada de trabalho e escala móvel das horas de trabalho;**
- **Derrubada das contrarreformas (Trabalhista, Previdenciária, das leis de terceirização, Arcabouço Fiscal, Reforma Tributária);**
- **Retomada de todas as cláusulas sociais e econômicas perdidas nas últimas campanhas salariais;**
- **Reestatização de todas as empresas privatizadas, e defesa dos Correios 100% estatal, com controle pelos trabalhadores.**

GUERRA NA UCRÂNIA: os países imperialistas arrastam o mundo para a barbárie

O orçamento para a guerra dos países imperialistas (EUA, Inglaterra, França, Alemanha, Japão) só tem aumentando nos últimos anos. O fortalecimento da OTAN e de acordos no Pacífico mostram que os países imperialistas querem impor uma nova ordem ao mundo, que varra com quaisquer países que a eles se opuserem.

O cerco à Rússia levou à Guerra na Ucrânia. A Federação Russa foi obrigada a entrar em guerra contra a OTAN e seu conjunto de países, ao invadir territórios da Ucrânia. Este país foi usado como enclave armamentista contra

a potência militar da Rússia, fruto das décadas da Revolução Proletária de 1917 e do desenvolvimento das forças produtivas no interior do país.

Por mais armamento que os países da Europa e os EUA entreguem ao governo marionete da Ucrânia, a Guerra não pode ser vencida pelas forças da OTAN, a não ser que ataque diretamente a Rússia, o que ainda não está nos planos do imperialismo. Além disso, a própria burocracia russa não pretende avançar para Kiev, para derrubar o governo pró-imperialista de Zelensky, procura um acordo com o imperialismo, apenas para preservar sua fonte de poder e ganhos, a economia nacionalizada. Assim, a Guerra permanece.

A Guerra contra a Federação Russa, utilizando-se da Ucrânia, é parte dos planos das frações imperialistas para derrotar economicamente e militarmente os Estados Operários, que têm um potencial, em função da propriedade es-

tatal/nacionalizada, que nenhum país imperialista tem. China e Rússia são dois países que realizaram a revolução proletária no passado, e que mantêm, apesar de todas as deformações de seus governos, uma economia assentada na propriedade nacional/estatizada, que se choca com a grande propriedade privada burguesa.

Os países imperialistas, que sofrem com a desindustrialização, com o aumento da inflação, com balanços comerciais desfavoráveis, necessitam destruir estes países, governar o mundo com armas na mão, e impor a barbárie geral.

Portanto, defendemos a derrota militar da OTAN na Ucrânia. A derrota do imperialismo nesta guerra impedirá que avance para outros territórios, e alcance seus objetivos de destruir economias inteiras para salvaguardar o capitalismo apodrecido em suas próprias crises e contradições econômicas. ■